



**AÇÕES ARTÍSTICO/CULTURAIS: O PROTAGONISMO MIGRANTE NOS
ABRIGOS EM BOA VISTA - RORAIMA/BRASIL**

**ARTISTIC/CULTURAL ACTIONS: MIGRANT PROTAGONISM IN SHELTERS IN
BOA VISTA - RORAIMA/BRAZIL**

Leila Adriana Baptaglin¹
Universidade Federal de Roraima
Não Associado/a/e ANPAP

RESUMO

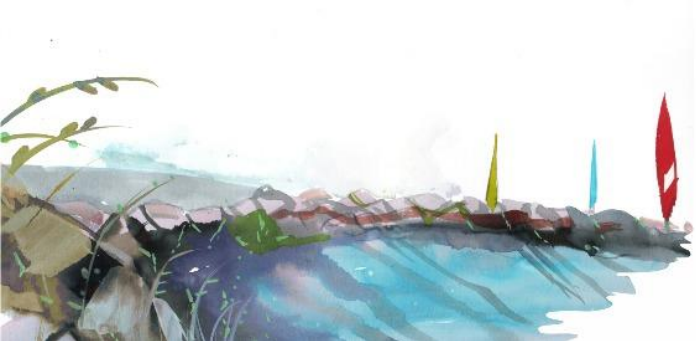
Este artigo parte de uma pesquisa etnográfica realizada em abrigos da Operação Acolhida, voltados para o acolhimento de migrantes venezuelanos em Boa Vista-Roraima/Brasil, com o objetivo de conhecer as ações artístico/culturais desenvolvidas nestes espaços e compreender o papel dos migrantes nestas ações. Calcada em observações, entrevistas e práticas artísticas, a investigação foi realizada em cinco abrigos: Rondon 1, Rondon 5, Pricumã, Jardim Floresta e Waraotuma a Tuaranoko, geridos pelas ONGs AVSI Brasil e Fraternidade sem Fronteiras. A análise das ações artístico/culturais realizadas nesses abrigos permitiu depreender que estas se configuram como importantes espaços de sociabilidade, inclusão e protagonismo migrante, evidenciando a necessidade de avanço nas políticas humanitárias para que garantam a assistência aos migrantes e refugiados.

Palavras-Chave: Protagonismo. Migrante. Ações artístico-culturais. Abrigos. Boa Vista/Roraima.

ABSTRACT

This article is based on an ethnographic study conducted in shelters of Operação Acolhida, which are aimed at welcoming Venezuelan migrants in Boa Vista, Roraima, Brazil. The aim was to learn about the artistic/cultural activities developed in these spaces and to understand the role of migrants in these activities. Based on observations, interviews, and artistic practices, the research was conducted in five shelters: Rondon 1, Rondon 5, Pricumã, Jardim Floresta, and Waraotuma a Tuaranoko, managed by the NGOs AVSI Brasil and Fraternidade sem Fronteiras. The analysis of the artistic/cultural activities carried out in these shelters allowed us to conclude that they are configured as important spaces for sociability, inclusion, and migrant protagonism, highlighting the need for progress in humanitarian policies to guarantee assistance to migrants and refugees.

KEYWORDS: Protagonism. Migrant. Artistic-cultural actions. Shelters. Boa Vista/Roraima.



Introdução

No século XXI, em decorrência de diversas alterações na geopolítica mundial, o panorama migratório brasileiro também tem se modificado bastante. Neste artigo trataremos do caso específico da migração venezuelana para o Brasil. A partir de 2016-2017, o estado de Roraima, situado no extremo norte do país, passou a receber milhares de migrantes/motivados pela crise político-econômica da Venezuela. Embora inicialmente o Brasil não se apresentasse como um destino atraente para os venezuelanos, em função, sobretudo, da diferença de idiomas entre os países, em pouco tempo a “fronteira seca” entre a cidade de Santa Helena de Uairén (Venezuela) e Pacaraima (Brasil) passou a constar como importante rota migratória desta população. Segundo dados de 2024 da Plataforma R4V, que monitora o fluxo migratório a partir de informações de agências da ONU e da sociedade civil, desde 2017 mais de 1.000.000 de venezuelanos já entraram no Brasil, dos quais 568.058 estão residindo no território brasileiro.

Em Boa Vista, onde atuo como professora, a temática da migração tornou-se incontornável e tem dado origem a ações tanto de extensão quanto de pesquisa, que visam debater e compreender melhor a questão, valorizando as vozes dos sujeitos envolvidos. Assim, essa investigação foi realizada ao longo de 12 meses, entre 2023 e 2024, em cinco dos seis abrigos da Operação Acolhida - (resposta governamental à crise migratória venezuelana, com início em 2018 - que acolhem migrantes e refugiados venezuelanos na cidade de Boa Vista/RR).

Na primeira etapa desta investigação procuramos, por meio de pesquisa etnográfica, conhecer, de um lado, a perspectiva institucional de organização dos abrigos da Operação Acolhida e, de outro, a perspectiva dos migrantes, moradores dos abrigos, sobre as ações artísticas que ocorrem nestes espaços. Neste artigo abordaremos especialmente as ações artístico/culturais, que não são necessariamente previstas pela organização institucional, se tornam importantes espaços de sociabilidade, inclusão e protagonismo migrante nos abrigos da Operação Acolhida, entendendo aqui o protagonismo como “(...) resistência, combate, enfrentamento de antagonismos produzidos pelo mundo físico e/ou social e que afeta a todos” (Perrotti, 2017).



A pesquisa de campo nos abrigos: comitês e grupos focais

Antes de iniciarmos a pesquisa de campo propriamente dita, foi necessário submeter o projeto ao Comitê de Ética em Pesquisa da UFRR (Plataforma Brasil) e às diversas instâncias que atuam nos abrigos, como o Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome (MDS) e a agência da ONU para Refugiados (ACNUR). Este processo levou cerca de oito meses. Só após a aprovação do Comitê de Ética é que pudemos partir para o contato, mediado pela ACNUR, com os coordenadores/representantes dos abrigos investigados, respectivamente: Abrigo Rondon 1, Rondon 5, Pricumã, Jardim Floresta e Waraotuma a Tuaranoko.

Nos abrigos, foi realizada uma etapa entre setembro de dezembro de 2023, com observações, entrevistas semi-estruturadas com os coordenadores/representantes e conversas informais com os migrantes que participavam das ações artístico/culturais desenvolvidas nestes espaços.

Após o contato com os coordenadores/representantes dos abrigos, marcamos a entrevista em seus locais de atuação, o que possibilitou melhor observação dos abrigos. Nessas entrevistas, partimos de um roteiro que nos possibilitou compreender, em conjunto com as observações etnográficas, a organização destes espaços. A partir destes dados elaboramos uma planilha com as principais informações sobre as ações culturais/artísticas que são desenvolvidas nos abrigos. Essa etapa buscou evidenciar as formas de organização e operacionalização das ações culturais/artística buscando verificar quais ações existiam, quem as coordenava, quem eram e quantos eram os participantes e principalmente, qual era a atuação dos migrantes.

Destacamos que, dos 5 abrigos, 2 são específicos para indígenas venezuelanos e 3 são para os demais migrantes/refugiados venezuelanos. Em 2022, como já foi introduzido acima, os abrigos de Boa Vista foram reorganizados. Quando realizamos nossa pesquisa de campo encontramos a seguinte estrutura e respectiva ocupação: Abrigos indígenas (Jardim Floresta (439 pessoas, com capacidade para 460) e Waraotuma a Tuaranoko (1.424 pessoas, com capacidade para 1.500); Alojamento



(Rondon 02); Interiorização - Rondon 05 (899 pessoas, com capacidade para 1.100); Moradias (Rondon 01 (1.381 pessoas, com capacidade para 1.242) e Pricumã (1.266 pessoas, com capacidade para 1.390). No que tange à ocupação dos espaços, portanto, segundo nossa observação, confirmada por dados da UNHCR-ACNUR de julho de 2024, todos os abrigos de Boa Vista/RR estão com uma ocupação igual ou superior a 80%.

Dentre os abrigos da Operação Acolhida observados, três são administrados pela Associação Voluntário para o Serviço Internacional – AVSI Brasil, e dois pela Fraternidade sem Fronteiras. A AVSI administra o Rondon 1, que é considerado o maior abrigo da América Latina, o Waraotuma a Tuaronoko, que é um dos abrigos indígenas e atende várias etnias como Warao, Remon, Kariña, Curipaco, Jivi, Wayúu, E'ñepá e Yekuana, e o Rondon 5, nomeado de Centro de interiorização, pois acolhe aqueles migrantes que desejam buscar trabalho no interior do país. Já a Fraternidade sem Fronteiras administra o abrigo indígena Jardim Floresta, que atende etnias como Warao, Eñeapá, Kariña, Guajiro, Akawaio e Pemon/Taurepang, e o abrigo Pricumã, que acolhe atende famílias e população em geral.

Todos os abrigos têm uma estrutura física bastante semelhante: são extensos terrenos praticamente desprovidos de vegetação, cercados por placas de *MDF* ou alumínio, com uma guarita de entrada, monitorada pelo Exército, casas fornecidas pela ACNUR (modelo internacional usado em campos de refugiados, chamadas Unidade de Habitação para Refugiados - RHU, na sigla em inglês) que abrigam uma ou duas famílias, refeitórios e banheiros comuns, estes últimos divididos entre masculino e feminino. Alguns abrigos contam com espaços específicos de moradia para mulheres, crianças desacompanhadas, idosos, pessoas LGBTQIAP+. Outros contam com o Espaço Super Panas (Super Amigos, em espanhol), dedicado às crianças, coordenado pela UNICEF, porém quando realizamos a pesquisa de campo apenas um destes espaços estava ativo.

A organização dos abrigos é feita sob duas perspectivas: macro, em forma de ações intersetoriais (MDS, SUFAI, Exército Brasileiro, Agências humanitárias, ONGs, entre outras), e micro, por meio de Comitês que atuam dentro de cada abrigo, alguns com



a participação de migrantes. Neste artigo, como pretendemos analisar a agência dos migrantes venezuelanos no contexto de abrigo, vamos priorizar a perspectiva micro, com foco na atuação desses Comitês a partir de entrevistas feitas com agentes institucionais e com migrantes. Não se pode ignorar, no entanto que este contexto micro é afetado pelo macro. Como criticam Iana Vasconcelos e Igor Renó Machado (2021, p. 107): “Por um lado, militares organizam abrigos, distribuem comida e doações e, por outro, seguem protocolos que exigem a vigilância e controle sobre os corpos e documentos.” Como procuraremos demonstrar abaixo, as ações artístico/culturais que ocorrem no âmbito dos Comitês, dos Grupos focais ou de projetos específicos, embora atrelados a esta estrutura organizacional, abrem pequenas brechas para o protagonismo migrante, articulando de outras formas a vigilância e controle institucional. É como se a condição liminal de vida no abrigo, ao ser limitada e regrada cotidianamente pelo exército, se tornasse uma nova estrutura. Nesta “dicotomia permanência-provisoriamente” identificada por Beatriz Silva (2023) em seu trabalho de campo nos abrigos, as ações artístico-culturais parecem sugerir o surgimento de micro “anti-estruturas”, no sentido dado pelo antropólogo Victor Turner (2013). Turner, reconhecido por suas pesquisas no campo das práticas rituais, foi um dos criadores, junto com o diretor de teatro Richard Schechner, da Antropologia da Performance. Para ele, a vida social se dá em um movimento dialético que se alterna entre estrutura social e o que ele chama de *communitas*, ou seja, entre estrutura e antiestrutura. São justamente os momentos efêmeros dos rituais ou performances (no caso aqui analisado, as práticas artísticas realizadas no âmbito dos abrigos) que permitem a criação das antiestruturas.

Ao longo da pesquisa de campo, além das observações, realizamos entrevistas com os coordenadores/representantes e com migrantes que trabalham e/ou vivem nos abrigos, organizadas a partir de um roteiro com questões abertas. Este momento foi bastante decisivo para compreendermos como são organizados os abrigos e identificarmos as ações artístico/culturais neles realizadas. Concomitantemente às entrevistas, realizamos observações e conversas informais com os formadores e participantes das ações artístico/culturais. Os dados desta etapa focam na



organização, nas metodologias de ensino/aprendizado utilizadas nas ações e no protagonismo dos migrantes neste processo.

Para o tratamento dos dados produzidos a partir das entrevistas e observações, trabalhamos com a Análise de Conteúdo (Bardin, 2011) realizando a pré-análise, a exploração do material e tratamento dos resultados com interpretação. Assim, com a transcrição das entrevistas e os relatórios de observação passamos a organização do material e buscamos analisar duas das categorias de interesse dessa investigação tendo em vista que a proposta foi de estabelecer um paralelo entre ambas. Assim, temos duas categorias de análise que foram elaboradas a partir dos dados das entrevistas: Organização dos abrigos e, Projetos artístico/culturais desenvolvidos.

Tendo em vista a estrutura aqui proposta trabalharemos apenas com a categoria Projetos artísticos/culturais desenvolvidos. Assim, ao longo da pesquisa de campo verificamos que acontecem ações artístico/culturais, ainda que de forma diferenciada, nos 5 abrigos. Dentre estas, destacamos as seguintes: Oficina de Dança (também chamada de “bailoterapia”), Oficina de material reciclável, Transformers – dança e música, Oficina de Pintura e Cinema. Todas são coordenadas pelos membros do Comitê Cultural. Já os Projetos de material reciclável e a Oficina de música que são coordenados pelos Assistentes de Proteção de Base Comunitária (PBC).

Segue abaixo uma tabela na qual se pode visualizar as ações artístico/culturais que ocorrem em cada abrigo, com seus respectivos coordenadores. Destacamos que nos abrigos indígenas também são realizadas ações, contudo neste trabalho não nos deteremos nelas, haja visto a necessidade de autorização específica para acompanhá-las.



Tabela 02: Ações culturais/artísticas desenvolvidas nos abrigos

| Abrigos | Entrevistados | Coordenação do abrigo | Número de moradores | Ação artístico/cultural | Coordenação |
|-----------------------|----------------|-----------------------------|---------------------|---------------------------------|---------------------|
| Rondon 01 | PBC-R1 | AVSI | 2.138 | Oficina de dança - bailoterapia | Morador do Abrigo |
| Rondon 05 | PBC-R5 | AVSI | 885 | Oficina de material reciclável | PBC |
| | | | | Transformers - dança e música | Moradores do Abrigo |
| Pricumã | GP-P PBC-P | Fraternidade sem Fronteiras | 1.255 | Oficinas de Pintura | Moradores do Abrigo |
| | | | | Oficinas de música | PBC |
| | | | | Cinema | Comunidade |
| Waraotuma a Tuaranoko | C-WT PBC-WT | AVSI | 1.278 | | |
| Jardim Floresta | C-JF PBC-JF | Fraternidade sem Fronteiras | 431 | | |

Fonte: Autora (2023)

Como se pode verificar, no abrigo Rondon 1, a Oficina de Dança (também chamada de “bailoterapia”) é ministrada por um morador dançarino venezuelano. Esses projetos são operacionalizados a partir de uma parceria dos Assistentes de Proteção de Base Comunitária (PBC) junto com a comunidade. A Assistente de Proteção de Base Comunitária (APBC-R1 2023) comenta que:

Com atuamos nessa questão da Base Comunitária, a gente tem, entre aspas, “um poder” de criar projetos. Então, [...] a gente consegue realmente ver temáticas e elaborar um projeto e a gente consegue apresentar para o Comitê que a gente corresponde. É que nem esse projeto desse instrutor de dança, ele já tinha essa bagagem então ele fazia isso na Venezuela e ele elaborou um projeto que se chama “bailoterapia”.

Este projeto, assim como muitos que são executados pelo Comitê de Cultura, são voltados para a comunidade toda, não tendo, necessariamente, uma especificação de faixa etária, muito embora a maior participação seja de crianças e jovens. Há casos



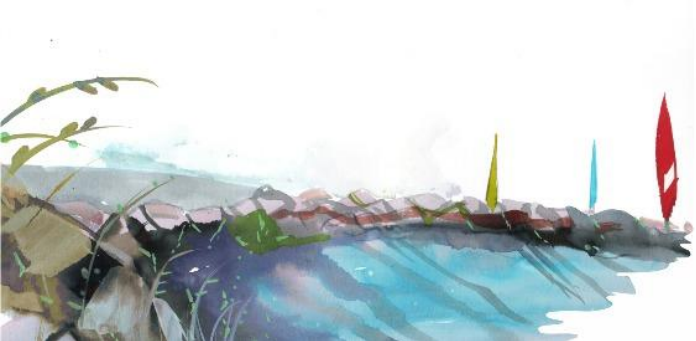
como a proposta que está sendo pensada por este mesmo instrutor da dança em que a Assistente de Proteção de Base Comunitária (APBC-R1, 2023) destaca

Inclusive, esse mesmo instrutor de bailoterapia está com uma proposta de fazer, junto com o grupo de grávidas, uma série de atividades. Então ele vai fazer seção de Yoga, ele vai fazer pinturas nas barrigas delas, canções de interação com as mães. Eles veem a necessidade e trazem propostas para a gente e ver se é viável ou não é viável e apoia nas demandas que eles trazem.

Neste cenário, vemos que há um apoio dos Assistentes de Proteção de Base Comunitária, contudo, quem propõe, realiza e coordena as ações da dança (bailoterapia) é o dançarino. Percebemos assim, o papel protagonista deste migrante. A inserção destes sujeitos nas tomadas de decisões acerca do que ocorre nos abrigos promove oportunidades de apropriação do espaço por parte da comunidade migrante não apenas porque viabiliza a concretização de suas demandas por atividades para ocupação do tempo, mas também pelo reconhecimento e ampliação de suas potencialidades profissionais.

No abrigo Rondon 5 constatamos também o protagonismo dos moradores na promoção de oficinas, contudo, por ser um abrigo de passagem, muitas ações acabam tendo duração limitada. A Assistente de Proteção de Base Comunitária (APBC-R5, 2023) comenta que por este motivo acaba coordenando algumas ações, para que possam seguir um fluxo contínuo de oferta. Já as Oficinas de Material Reciclável ofertadas no Rondon 5 são oferecidas pela Assistente de Proteção de Base Comunitária, que é também migrante venezuelana, contratada pela AVSI. Segundo ela:

Temos as oficinas de material reciclável que nós mesmo que fazemos com adolescentes e adultos, nós mesmos da AVSI. Com os adolescentes no projeto Transformers, a gente trabalha dança. Alguma pessoa da comunidade que saiba, a gente vai e ensina para os adolescentes. A gente trabalha música, tem professora de música e ela ensina para eles. A gente faz alguns corais também para eles já



irem pegando o jeito da música e depois fazerem a apresentação. A gente trabalhou também nesse mês, Fotografia. Um curso de fotografia que foi feito pela AVSI pela menina que é encarregada da Rádio- a voz dos refugiados.

A Assistente de Proteção de Base Comunitária (APBC-R5, 2023) destaca também há também projetos propostos e coordenados por agentes externos.

Sim, temos parceiros. Dependendo da situação ou tema, nós contamos com a Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS). Temos, por exemplo, a “Ela pode” que vem fazer cursos de empreendedorismo feminino. Ai quando a gente monta essa turma a gente contata a ACNUR, pede autorização e na data ela vem faz o curso, entrega o certificado.

Fica claro assim que, independentemente do fato de que os projetos externos partam ou não da demanda dos moradores, todos precisam de autorização do Governo Federal através do MDS, da ACNUR e da AVSI ou Fraternidade sem Fronteiras, para que sejam concretizados nos abrigos.

No abrigo Pricumã foi onde identificamos um maior número de ações e envolvimento com o trabalho artístico e foi onde realizamos um acompanhamento maior das ações. A Oficina de Pintura era realizada por um casal de artistas venezuelanos que, após oito meses de moradia no abrigo, conseguiu promover um projeto de Oficinas de pintura. Conforme nos contaram, desde que chegaram no abrigo, no final de 2022, eles começaram a realizar atividades de pintura nos espaços disponíveis e, inclusive em seu próprio espaço de moradia (chamada localmente de “carpa” – barraca em espanhol). Após conversas com a AVSI, o projeto de Oficinas de Pintura começou a ganhar forma e no segundo semestre de 2023 eles já contam com espaço específico para o desenvolvimento das Oficinas. A ação era realizada três vezes por semana e aberta para o público em geral, contudo, o maior número de participantes era formado por crianças e jovens de 4 a 18 anos.



O artista P destaca que o trabalho com a pintura fornece um importante apoio também para a saúde mental das crianças:

Es lamentable, la vinda de la gente para acá, para Perú, para otros países, ha sido traumática. Los niños más están confundidos. Cuando llegan en la carpa, el problema es mayor. Estamos haciendo una comparación con la carpita acá ellos vienen y nos llaman, profesor, profesor. En una comparación, ellos están metidos en una burbuja e en esta burbuja hay un rato de felicidad. Aquí ellos se sienten acogidos, ellos se quedan aquí escuchando. Pero esto es una hora, dos horas, pero son 12, 14 horas en el problema. Esto es como una cura (Artista-P, 2023).

Ao observarmos as ações desenvolvidas por eles no abrigo, percebemos que partem de uma proposta de aprendizado da técnica da pintura, mas também e principalmente, de um acompanhamento das crianças.

Primeramente, nosotros hicimos una simples prueba que hago una raya y le digo, en esta raya que ello haga o que venga en su mente. Y dependiendo do que el hace yo hago un balance que le pueda tener una oportunidad. No tenemos tiempo para aceptarnos a todos. Primeramente, hay que hacer una prueba, una prueba rápida. Esto es muy importante, las colores, la perspectiva (Artista-P, 2023).

Esta ação é necessária para a proposta que o casal desenvolve a fim de selecionar algumas crianças tendo em vista que a demanda é muito grande dentro do abrigo. Os coordenadores da Oficina de Pintura destacam que “es un trabajo serio, no solo entretenimento”. Ao serem questionados como trabalham, eles respondem que recebem muitas crianças e que estas vão sendo selecionadas de acordo com seu interesse e dedicação à Oficina. A artista formadora destaca ao perceber que um menino de 4 anos pintava com muita destreza, já o colocou no segundo dia da oficina para pintar em uma tela. Conforme explicaram os artistas, todas as crianças começam



pintando com tinta guache no papel e aquelas que demonstram mais habilidade passam a pintar em tela.

Ao longo da pesquisa de campo também conversamos com as crianças participantes da Oficina de Pintura. Uma das adolescentes de 15 anos observa que na pintura “puede sacar sus ideas de su mente e pintar, tú te sientes más, con la pintura tu refleja”. Outra adolescente de 13 anos destaca que com a pintura “podemos desestresarnos, pintar nuestra creatividad y conectarnos a las otras personas”. Para o pai de uma criança de 4 anos que estava participando da Oficina “cada cuadro, cada pintura tiene un significado e tiene un sentimiento, por eso grandes pintores llegan a grande, porque ellos meten el significado y el sentimiento en la pintura”. Estes comentários demonstram como, para os participantes, a Oficina de Pintura, para além do trabalho artístico, tem um impacto em sua saúde mental.

A formadora da Oficina de Pintura também observa que o trabalho com as ações culturais oferece um importante apoio emocional: “pues no es fácil, estoy aquí, lejos de mi familia y aquí me distraigo, a gente de AVSI nos ayuda mucho. No ha sido fácil, pero aquí va”. Tanto ela como as adolescentes participantes da Oficina também destacam a importância do trabalho como forma de lembrar e viver a cultura venezuelana. Percebemos, portanto, que as Oficinas são espaços de reconexão com o país de origem, sobretudo pela ausência de formadores brasileiros – o que ocorre em outras atividades desenvolvidas nos abrigos, como o Projeto Pirlampos, destacado por eles. Os relatos dos formadores, dos jovens e familiares demonstram o impacto das ações artístico/culturais no cotidiano da população abrigada e a necessidade de mais ações que promovam o acolhimento e a inclusão dos migrantes na situação de abrigamento.

Outra ação é a Oficina de música, realizada no abrigo Pricumã, que é realizada no período noturno e coordenada pelo Assistente de Proteção de Base Comunitária (APBC-P), músico venezuelano contratado pela AVSI que rege um coral e dá aulas de violão e percussão.



Já a atividade do Cinema é uma ação desenvolvida pelo Comitê de entretenimento. Segundo a Gestora de Proteção do Abrigo Pricumã (GP-P, 2023)

Tem o cinema de noite, os filmes são de acordo com o que a comunidade vai pedindo. Hoje o foco é para os idosos, eles procuram filmes para os idosos ou que deem uma esperança, tipo seção da tarde, só que é de noite que acontece o cinema.

Estas ações fazem parte da integração comunitária e dão visibilidade para as demandas da comunidade dos abrigos assim como permitem uma diversificação do trabalho desenvolvido pelos Assistentes de Proteção de Base Comunitária, que atuam em várias frentes.

Transformando Espaços institucionais em Lugares para viver

Como descrevemos ao longo deste texto, na perspectiva de compreender como as ações artístico/culturais se tornam importantes espaços de protagonismo migrante nos abrigos da Operação Acolhida constatamos que nos abrigos da Operação Acolhida há uma estrutura organizacional macro complexa, multisetorial, mas também há uma preocupação em mobilizar uma estrutura micro de integração com a comunidade, que ocorre a partir dos Comitês e Grupos Focais. Os Assistentes de Proteção de Base Comunitária são fundamentais nesta integração entre ambas as estruturas, pois são eles que acolhem as demandas e viabilizam, junto aos moradores, ações que possam permitir qualificar a vivência do espaço transitório do abrigo.

Constatamos que nos Comitês de Cultura há forte protagonismo migrante e que as ações artístico/culturais aparecem, em muitos casos, como uma forma de luta pela manutenção dos vínculos com o país de origem e pela qualidade da ocupação do tempo nos abrigos, ampliando e enriquecendo suas formas de sociabilidade nestes espaços.



A observação das ações artísticas/culturais realizadas em abrigos de acolhimento a migrantes venezuelanos nos instiga a pensar nas demandas que impulsionaram a implementação destas e nos desafios de operacionalização no âmbito organizações tão complexas. Assim como a arte-educadora Ana Mae Barbosa defende que a arte amplia as possibilidades de trabalhar os diferentes códigos culturais e instiga novos olhares para a realidade evidenciada (Barbosa, 2016), em nossa atuação como professoras de Artes Visuais e Artes Cênicas também temos apostado no potencial da arte, em seus múltiplos sentidos e práticas, na inclusão social.

Embora estejamos tratando os abrigos como espaços, numa dimensão territorial, acreditamos que com a integração o trabalho artístico podemos transpô-lo à categoria de lugar, que permite compreendê-lo em sua dimensão humana. Nos inspiramos em Míriam Martins (2006), que nos instiga a pensar na arte como potencializadora de modos de percepção para transformação do espaço em lugar. Entendemos, assim, que o trabalho com arte nos abrigos, mobilizado pelo protagonismo migrante, busca não só o fazer, mas também fruir, decodificar, ver e, quiçá, transformar o contexto em que vive.

Os migrantes, portanto, são atores fundamentais na proposição e organização dessas ações. Se por um lado a organização institucional dos abrigos, que envolve Exército, Ministérios, Agências humanitárias internacionais e ONGs, é complexa e compreende uma estrutura frequentemente rígida, os projetos artístico/culturais abrem brechas para o protagonismo dos migrantes e para a realização de ações que não se enquadram diretamente nos protocolos da assistência social. Embora ações artísticas não sejam consideradas prioritárias em relação às questões básicas como alojamento, alimentação, saúde, segurança, documentação e educação/escolarização, consideramos que se constituem como uma forma de alicerçar e ampliar o protagonismo dos sujeitos migrantes na estrutura dos abrigos, criando alternativas, pequenas anti-estruturas que auxiliam na (com)vivência entre sujeitos distintos, unidos por condições migratórias semelhantes.



SIBAHI, Pedro. ACNUR celebra 100 dias do maior abrigo indígena da América Latina. 2022. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/186927-acnur-celebra-100-dias-do-maior-abrigo-ind%C3%ADgena-da-am%C3%A9rica-latina>. Acesso em: 20/03/2025

TURNER, Victor. O Processo Ritual. Trad. Nancy Campi de Castro. Petropolis, Vozes, 2013.

UNHCR-ACNUR. Conheça a estratégia que já transformou a vida de 50 mil refugiados e migrantes venezuelanos no Brasil, 2021. Disponível em:

<https://www.acnur.org/portugues/2021/04/20/conheca-a-estrategia-que-ja-transformou-a-vida-de-50-mil-refugiados-e-migrantes-venezuelanos-no-brasil/>. Acesso em: 29/10/2023.

UNHCR-ACNUR. Perfil dos abrigos em Roraima. 2023. Disponível em: <

<https://app.powerbi.com/view?r=eyJrIjoizTRhOWVIOTgtYTk2MS00YmY3LWEyY2YtMGM1Y2MzODFjMmVjliwidCI6ImU1YzM3OTgxLTY2NjQtNDEzNC04YTBJLTY1NDNkMmFmODBiZSlsImMiOjh9>>. Acesso em: 26/04/ 2025.

UNICEF. Crise migratória venezuelana no Brasil. 2018. Disponível em:

<<https://www.unicef.org/brazil/crise-migratoria-venezuelana-no-brasil>>. Acesso em: 31/01/2025.

VASCONCELOS, Iana dos Santos; MACHADO, Igor José de Reno. Uma missão eminentemente humanitária? Operação acolhida e a gestão militarizada nos abrigos para migrantes venezuelanos/as em Boa Vista-RR. *REMHU*, Rev. Interdiscip. Mobil. Hum., Brasília, v. 29, n. 63, dez. 2021, p. 107-122. Disponível em: <

<https://www.scielo.br/j/remhu/a/4hzGrGZdnbGsgsch6SCLgpw/?format=pdf>>. Acesso em: 20/03/2025.

¹ Professora do Curso de Licenciatura em Artes Visuais. Mestrado e Doutorado em Educação da Universidade Federal de Roraima. Pesquisa sobre Arte, Educação e Migração. Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisas em Patrimônio, Arte e Cultura na Amazônia (GPAC). Link do Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5801207902204116>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8137-0913>